

ENTRE O CONTROLE E O RISCO: DISPUTAS CURRICULARES E FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DO PARKOUR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Joanna Las Casas¹

¹Doutoranda em Educação (PPGE/UFRJ). Pesquisadora no REFORÇA – Rede de Estudos em Formação, Currículo e Ações na Educação Física Escolar. Professora de Educação Física nas Prefeituras Municipais de São Gonçalo/RJ (SEMED/PMSG) e São Pedro da Aldeia/RJ (SEMED/PMSPA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, joannalascasas@gmail.com

Introdução

A Educação Física Escolar (EFE), ao longo de sua constituição histórica, tem sido atravessada por disputas em torno do lugar do corpo, da experiência e dos saberes que legitimamente podem compor o currículo. Em grande medida, consolidou-se uma racionalidade pedagógica orientada pela padronização dos gestos, pelo controle dos corpos e pela valorização de práticas institucionalizadas, especialmente aquelas vinculadas ao esporte de rendimento. Tal racionalidade não apenas organiza conteúdos, mas produz modos específicos de ensinar, aprender e existir na escola, operando pela regulação da diferença e pela contenção da imprevisibilidade.

No contexto contemporâneo, a Base Nacional Comum Curricular introduz, ainda que de forma tensionada, a unidade temática das Práticas Corporais de Aventura (PCA) (Brasil, 2018), abrindo brechas no currículo para manifestações historicamente marginalizadas. Entre essas práticas, o Parkour se destaca por sua origem urbana, não institucionalizada, e por sua lógica de deslocamento que privilegia a invenção, a experimentação e a ressignificação dos espaços. Mais do que um conteúdo, trata-se de uma prática que desafia as formas hegemônicas de organização do ensino, ao mobilizar dimensões como o risco, a imprevisibilidade e a autonomia corporal.

Entretanto, a inserção do Parkour na escola permanece incipiente, frequentemente atravessada por discursos que o classificam como perigoso, inadequado ou incompatível com o ambiente escolar. Tais discursos não se sustentam apenas em preocupações com a segurança física, mas revelam uma racionalidade mais ampla de controle, que tende a excluir aquilo que escapa à previsibilidade e à normatização. Nesse sentido, o risco opera como um dispositivo de regulação curricular, acionado seletivamente para legitimar ou interditar determinadas práticas corporais.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar disputas curriculares que atravessam o ensino do Parkour na EFE, com ênfase na centralidade do risco como elemento de tensão e nas implicações dessa dinâmica para a formação docente.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica, de abordagem qualitativa, ancorada na análise de produções acadêmicas do campo da Educação Física Escolar e dos estudos do currículo e formação de professores. O estudo mobiliza referenciais que problematizam as relações entre corpo, poder, risco e formação docente.

A análise foi conduzida a partir de um movimento interpretativo que busca compreender os modos pelos quais determinadas práticas corporais são legitimadas ou marginalizadas no currículo, bem como os discursos que sustentam tais processos. Nesse percurso, o risco é tomado não apenas como categoria técnica, mas como construção discursiva e política, que opera na produção de sentidos sobre o que pode ou não ser ensinado na escola.

O estudo também se ancora em produções oriundas da trajetória acadêmica da autora, articulando reflexões desenvolvidas em pesquisas anteriores e em elaboração no doutorado, de modo a compor um quadro analítico que permita tensionar as formas hegemônicas de organização do ensino na EFE e suas implicações para a formação docente.

Resultados e Discussão

A análise evidenciou que o currículo da EFE ainda se organiza sob forte influência de uma lógica hegemônica que privilegia práticas corporais institucionalizadas, em detrimento de manifestações culturais e alternativas. Tal configuração curricular não é neutra, mas resultado de processos históricos que consolidaram uma monocultura do saber, conforme argumentam Santos; Meneses (2013), invisibilizando conhecimentos que emergem de outros contextos e racionalidades, produzindo processos de epistemicídio.

Nesse cenário, o Parkour ocupa uma posição marginal, não apenas por sua ausência na formação inicial e continuada docente, mas sobretudo por tensionar os dispositivos que sustentam a ordem escolar. Diferentemente das práticas tradicionais, ele não se orienta pela repetição técnica ou pela previsibilidade dos gestos, mas pela criação de percursos, pela experimentação e pela relação singular com o espaço (Fernandes; Galvão, 2016; Moura; Henriques, 2018; Côrrea, 2023). Essa característica o coloca em confronto direto com uma pedagogia que valoriza o controle, a disciplina e a mensuração.

O risco, nesse contexto, emerge como um elemento central. Longe de ser apenas uma preocupação com a integridade física, ele se constitui como um operador discursivo que regula a presença ou ausência de determinadas práticas no currículo. A seletividade com que o risco é mobilizado revela que não se trata de eliminá-lo, mas de controlá-lo conforme os interesses e as normas que regem a instituição escolar. Práticas como o futebol ou o basquetebol, igualmente atravessadas por riscos, são amplamente aceitas, enquanto o Parkour é frequentemente interditado, evidenciando que o problema não reside no risco em si, mas no tipo de experiência corporal que ele convoca (Las Casas, 2025; 2026).

A partir de uma perspectiva foucaultiana, é possível compreender essa dinâmica como parte de um conjunto de tecnologias de poder que atuam na docilização dos corpos, regulando seus movimentos, suas possibilidades e seus modos de existir (Foucault, 2014). A escola, nesse sentido, opera como espaço de normalização, no qual o corpo é constantemente monitorado, corrigido e ajustado às expectativas institucionais.

Essa lógica impacta diretamente a formação docente. Ao serem formados em contextos que privilegiam a segurança, a previsibilidade e a reprodução de modelos, muitos professores se sentem inseguros diante de práticas que exigem improvisação, experimentação e gestão do risco (França; Domingues, 2023). A ausência de espaços formativos que problematizem essas questões contribui para a manutenção de um currículo restrito, que evita o novo em nome da segurança.

Entretanto, compreender o risco como elemento constitutivo da experiência abre possibilidades para sua ressignificação no campo pedagógico. Em diálogo com Larrosa Bondía (2002), pode-se afirmar que a experiência implica necessariamente exposição ao imprevisível, ao não controlável. Nesse sentido, ensinar não é eliminar o risco, mas aprender a habitá-lo de forma ética, responsável e pedagógica.

A formação docente, portanto, precisa ser tensionada para além de modelos prescritivos, assumindo-se como espaço de produção de sentidos, de escuta e de invenção, no qual se produzem modos de ensinar, selecionar e legitimar saberes (Gabriel, 2019). Isso implica reconhecer o saber da experiência como conhecimento legítimo e valorizar práticas formativas situadas, construídas em diálogo com o cotidiano escolar e com as demandas concretas dos professores.

Conclusões

O estudo permite afirmar que o ensino do Parkour na EFE explicita disputas curriculares que ultrapassam a escolha de conteúdos, envolvendo modos de compreender o corpo, o ensino e a própria função da escola. O risco, longe de ser um obstáculo a ser eliminado, revela-se como categoria central nessas disputas, operando tanto como mecanismo de controle quanto como possibilidade de abertura para novas experiências pedagógicas.

A marginalização do Parkour no currículo evidencia a permanência de uma racionalidade que privilegia a previsibilidade e a normatização, em detrimento da diferença e da invenção. Nesse contexto, a formação docente assume papel estratégico, sendo necessário repensá-la a partir de perspectivas que valorizem a experiência, o diálogo e a construção coletiva de saberes.

Ao tensionar as formas hegemônicas de organização do ensino, o Parkour se apresenta não apenas como conteúdo, mas como possibilidade de reconfiguração curricular, capaz de ampliar os horizontes da EFE e de contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais abertas ao sensível, ao imprevisível e à diferença.

Palavras-chave: Práticas corporais de aventura; Currículo; Experiência; Docilização dos corpos; perigo; diferença.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CORRÊA, Evandro Antonio. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 113-138, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24979/r7frve30>

FERNANDES, Alessandra Vieira; GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. Parkour e valores morais: ser forte para ser útil. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 226-240, mai./2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p226>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANÇA, Dilvano Leder de; DOMINGUES, Soraya Corrêa. Possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e89906>

GABRIEL, Carmen Teresa. Currículo e construção de um comum: articulações insurgentes em uma política institucional de formação docente. **Revista e-Curriculum (PUCSP)**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1545-1565, out./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1545-1565>

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, p. 20-28, 2002.

LAS CASAS, Joanna. Saltar muros, encantar escolas: o Parkour como prática corporal de resistência e metáfora pedagógica contra-hegemônica na Educação Física Escolar. **Movimento**, [S. l.], v. 32, p. e32002, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.147467>

LAS CASAS, Joanna. Saltos para além da aula: proposições para uma pedagogia do salto. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 37, n. 68, p. 1-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2025.e107111>

MOURA, Diego Luz; HENRIQUES, Ighor Amadeu Dias. Saltando na escola: uma proposta de unidade didática de parkour nas aulas de educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 2, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

